

FRATERNIDADE, DIÁLOGO E MISSÃO COMO BASE PARA UMA EDUCAÇÃO FRANCISCANA

FRATERNITY, DIALOGUE, AND MISSION AS THE BASIS FOR A FRANCISCAN EDUCATION

Iglê Moura Paz Ribeiro¹
Diego Carlos Zanella²

RESUMO

Este artigo visa contribuir com o entendimento da formação humana ocidental e de seus desafios contemporâneos, em meio ao crescente desenvolvimento da natureza humana e de suas reflexões. Visando fazer frente a essas perspectivas, profundamente marcadas pela fraternidade, diálogo e compromisso, cujo pano de fundo é São Francisco de Assis, considerando que suas vivências contribuirão para a formação humana e educativa da humanidade. Nesta dimensão, o artigo pretende realizar um resgate de cunho teórico/filosófico, que possibilite a construção de uma abertura dialógica capaz de evidenciar outras possibilidades de educar, nas quais se possa vislumbrar o emergir de outras experiências no campo educacional e pedagógico. Assim posto, o trabalho se concentrará em dois princípios básicos de atuação e entendimento teórico prático. Em primeiro lugar será efetuada uma discussão teórica sobre a temática, fraternidade como elemento motor da formação humana ocidental. Em seguida, será abordado o diálogo como caminho, elemento fundamental das relações no processo educacional. Com isso, se perceberá que o processo educativo é lugar de diálogo fraterno, no qual novos debates e saberes emergem, possibilitando, assim, novas possibilidades para a formação humana e integral.

Palavras-chave: Ensino franciscano. Educação dialógica. Educação fraterna. São Francisco de Assis.

ABSTRACT

This article aims to contribute to the understanding of Western human education and its contemporary challenges, amid the growing development of human nature and its reflections. Aiming to face these perspectives, deeply marked by fraternity, dialogue and commitment, whose background is St. Francis of Assisi, considering that his experiences contribute to the human and educational formation of humanity. In this dimension, the article intends to carry out a rescue of a theoretical/philosophical nature, which allows the construction of a dialogical opening capable of highlighting other possibilities of educating, in which one can envision the emergence of other experiences in the educational and pedagogical field. Thus, the paper will focus on two basic principles of action and practical theoretical understanding. Firstly, a theoretical discussion will be carried out on the theme, fraternity

1 Doutora em Ciências da Saúde (UnB). Docente da Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima, Brasília, DF. E-mail: pazigle@hotmail.com.

2 Doutor em Filosofia e mestre em Bioética. Professor de Filosofia, Bioética e Humanidades da Universidade Franciscana (UFN), coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL), membro do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) e da Comissão de Ética nos Uso de Animais (CEUA). Membro da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB). E-mail: diego.zanella@gmail.com.

as a driving element of western human education. Then, dialogue will be addressed as a path, a fundamental element of relationships in the educational process. With this, it will be noticed that the educational process is a place of fraternal dialogue, in which new debates and knowledge emerge, thus enabling new possibilities for human and integral education.

Keywords: *Franciscan teaching. Dialogic education. Fraternal education. Saint Francis of Assisi.*

INTRODUÇÃO

Na atual conjuntura da sociedade brasileira, verifica-se a fragilidade da educação diante de um mundo marcado por múltiplos desafios, sendo alguns evidenciados por ela própria, a educação, outros pelas desigualdades e aceitação das diferenças socioeconômicas, culturais e tecnológicas. No processo histórico do desenvolvimento da educação, a construção e consolidação da fraternidade, aqui entendida como elemento fundamental do desenvolvimento humano, foram absolutamente decisivas para o cultivo da reciprocidade e do enriquecimento mútuo como valores.

Ao se refletir sobre os princípios e valores da sociedade, sobretudo em relação à questão da fraternidade e do diálogo não serem presença marcante na missão de educar, torna-se importante, pois vivemos diante de uma sociedade marcada pelo mundo capitalista. Contudo, o que se percebe em nosso tecido social é que não há uma preocupação com a formação do ser humano centrada na dignidade, na fraternidade e no diálogo, valores que consideramos essenciais, visto serem garantidores dos direitos sociais, diretamente conectados com o princípio da dignidade do ser humano indispensável para uma vida em plenitude.

Assim, refletir sobre a fraternidade e o diálogo como missão, nos encaminha a São Francisco de Assis para podermos entender esses princípios marcantes na educação do mundo atual, que devem ser entendidos como direitos e necessidades à formação humana em sua dignidade, complexidade e integralidade. A fraternidade entendida por Francisco pressupõe liberdade para o ser humano pensar a realidade como liberdade de si e do outro, considerando-a como princípio de comportamento relacional e, além disso, entendê-la como capaz de tornar esse princípio efetivo.

Nesse sentido, várias abordagens teóricas nos autorizam o emprego do termo fraternidade com a conotação que aqui empregamos. Assim, a entendemos como “um ato de amor ao próximo e de respeito mútuo; ou ainda como o vínculo de uma comunidade ética/religiosa e política”, que pode influenciar a sociedade na adoção desses valores (BAGGIO, 2008, p. 53). Esse é um princípio esquecido pela sociedade, mas que é necessário à formação e educação integrais de todos. A assunção deste significado de fraternidade impõe um modo de educação dialógica de tal forma organizada para promover um conhecimento que conduza os seres humanos à união, ternura e cooperação; por isso, fraterno e dialogal.

“Um conhecimento amoroso, vigoroso de convivialidade e ‘compaixão’. Com a ternura ou cuidado da compassividade por isso, a ternura e o cuidado do exigir, do dar atenção ao outro, estar atento a sua estrutura, mostrar a solicitude, crescer junto com o outro” (BOFF, 2009, p. 35) ‘pan-fraternalmente’, que todos buscamos e para todos. Uma educação que refulja a figura de São Francisco de Assis como altamente significativa e evocadora e que se preste a ser marco de referência, que anime a dignidade

do homem, sua cultura e suas descobertas, tantas vezes escondida em cada um de nós. Que possibilite a descoberta do Francisco escondido em cada um como missão e figura de primeiro plano, capaz de expandir-se na modernidade. A opção de uma educação assim caracterizada, implica alterações profundas na educação, na forma de ser e de ensinar a sociedade atual de forma revolucionária, configurando um verdadeiro desafio ético.

É a partir dessa perspectiva que queremos abordar os temas da fraternidade e do diálogo como bases para uma educação franciscana. Desta forma, este artigo se concentrará nesses dois princípios básicos, a saber, a fraternidade como elemento motor da formação humana ocidental e o diálogo como cominho e elemento fundamental das relações no processo educacional. Com isso, pretendemos mostrar que o processo educativo é lugar de diálogo fraterno, no qual novos debates e saberes emergem, possibilitando, assim, novas possibilidades para a formação humana e integral.

FRANCISCO: PRESENÇA DE EDUCAÇÃO E FRATERNIDADE

O movimento franciscano, iniciado em Assis, Itália, e originário do século XIII, momento de grandes transformações sociais, políticas, econômicas e religiosas. Surge nesse período uma nova concepção de expressão religiosa que considerou o ser humano em seu contexto, ou seja, o ocidente religioso está em plena transformação. Chegaram as obras físicas e de metafísica de Aristóteles; a criação das universidades; a ascensão da burguesia como uma nova classe social; o surgimento das comunas, isto é, cidades que adquiriam direitos e prerrogativas de legislar através de regulamentos próprios, através dos estatutos da cidade como um novo sistema político e o aparecimento dos grupos religiosos com uma nova mística ligada à pobreza e à itinerância, enfim, é um momento de passagem para um novo tempo (ZANELLA, 2013). É nesse cenário que São Francisco deixa sua contribuição e traz a novidade mais original, provocando uma reviravolta de valores.

Pensar a educação no mundo atual torna-se um desafio e algo problematizador do contexto da fraternidade, do diálogo e da missão. Tais aspectos se tornaram princípio da conduta humana e exigência para nova pré-disposição em relação ao outro, à natureza e a todos que constroem relações, interações e interrelações de vida.

Por outro lado, a fraternidade e o diálogo, além de assumirem uma dinâmica relacional, exigem mudanças estruturais, objetivando promover a dignidade da vida e do ser humano, principalmente no que se refere à educação. Tal perspectiva, pode ser acolhida, seguindo a proposta de São Francisco, pois diante desta percepção, o respeito à grandiosidade de viver foi uma das exigências de sua vida. Ou seja, a fraternidade como princípio na visão franciscana garante juridicamente a proteção da raça humana em todos os sentidos, já que ela promove direitos e indica o caminho que as pessoas devem percorrer. Além disso, a fraternidade vem para alimentar essa sede de querer percorrê-lo como “vá lá e garanta a dignidade dos humanos” como direito promocional da pessoa humana (LOPES, 2014, p. 7).

Nesse aspecto, a fraternidade aqui entendida tem o objetivo de ser semente para a transformação social, transcendendo as divergências existentes entre as pessoas, fazendo com que o diferente se manifeste para o seu pleno desenvolvimento e para o benefício coletivo, sem se descuidar dos vínculos comuns que mantêm unidas grandes coletividades (HORITA, 2013). Destaque-se que o princípio da fra-

ternidade e a fraternidade em si, estabelecem ligação com a dignidade entre irmãos/irmãs e com o direito de serem diferentes um dos outros, como realmente acontece em uma família ou seja, não se escolhe os irmãos. Por isto é necessário encontrar condições capazes de garantir igualdade e diferença nesta relação. Assim, a fraternidade age como princípio de realidade nas teorias políticas (VOCE, 2014, p. 142).

A fraternidade, para Francisco, torna-se ponte de procura do outro em todas as suas necessidades, portanto considera por este caminho, o ser irmão (RODRIGUES, 2013, p. 152). Pensar a fraternidade na visão de Francisco é ter como fonte de compreensão o ser humano que revela vivências. Entender a pessoa humana como uma realidade aberta e dinâmica, dotada de 'perspectividade do ser' e autodefinida, recriando uma nova forma de ser e estar no mundo. A fraternidade aqui entendida como conhecimento que ao ser descoberto, passa a ser vivido e entendido diante da realidade do Eu que vai se envolvendo de forma vigorosa com a noção de singularidade e relacionalidade como um elemento central para pensar a identidade e a dignidade da pessoa humana. Estar na porta do pleno conhecimento e não ter a chave para acessar tal porta, parece um discurso. Entendendo-se que:

O conhecimento às vezes é reacionário e absurdo. Mas pode ser um apelo para um novo modo-de-ser e de relacionar-se. A re-educação do olhar a partir de um olhar interior não suprime a razão e sua aplicação. Apenas lhe dá outra conotação. O maravilhamento com o mistério, e o diálogo permanente com suas possibilidades e limites, não é uma negação da razão ou pretensão desta como mecanismo 'capaz' de apreender, de compreender o transcendente. É, na verdade, uma forma de reconhecer a transcendência naquilo que é imanente. Conforme o olhar atento de nossa inteligência para tudo é capaz de observar e entender o que há por detrás de cada realidade aparentemente óbvia e insignificante (BOAVENTURA, 1979, p. 171).

O conhecimento como compromisso possibilita a elevação do ser humano ao patamar de responsável que transcende e o recria de forma afetiva, efetiva, racional e científica, entendendo-se diante do desconhecido, mas fazendo parte do que vem a ser. Ora, aquilo que pertence originariamente a uma natureza, é algo que lhe pertence de modo natural e, por isso, a responsabilidade do humano não pode ser entendida apenas como um compromisso com os demais humanos, mas sim como a inspiração do próprio Francisco de Assis, a reconciliação e a relação fraterna extensivas a tudo o que existe (ZAGORAC, 2012). Esse tipo de experiência com o conhecimento requer contato e união na experiência imediata que tem relação mais ligada à afeição, ao amor e não à inteligência propriamente dita. O espírito franciscano resgata não apenas conceitualmente o como o ser humano pode e deve se relacionar, mas uma forma de como poderia rever a relação que deve ter consigo, com os outros, com o meio social, com o meio ambiente e com Deus. Os vícios e o apego a tudo aquilo que o afasta de si mesmo acaba colocando suas esperanças nos bens que passam, esquecendo-se de que o seu verdadeiro tesouro deve ser aquele que é eterno, só assim se pode perceber que gratuitamente se busca relacionar como pessoa humana. Tais relações se encontram no conhecimento cognitivo, religioso, social de todas as suas interações. É nesse sentido que se pode buscar a fraternidade como o eterno que quer relacionar-se com o temporal, o infinito com o finito, o divino com o humano. Através de sua subjetividade, encontrar-se consigo, com os outros e com a divindade abertos à relação intersubjetiva.

A definição da pessoa humana como relação, possibilita concebermos a existência humana dentro de um prisma inovador para o tempo de São Boaventura, mas também para o nosso. Essa compreensão considera a dimensão da subjetividade, não como única e principal realidade. Sugere e reconhece no humano a dimensão da finitude e do mistério, sem que isso produza um desespero, porque o próprio humano também é conexão e comunhão com a infinitude. A realidade humana como síntese do que há de mais divino no mundo e de mais humano em Deus resulta num ente que se faz permanentemente e, com isso, a identidade humana é e se faz no encontro com tudo e com todos. Com isso, a relação enquanto condição fundamental de definição do humano tem consequências fecundas para a Antropologia Filosófica (RODRIGUES, 2013, p. 173).

São Boaventura vem aprofundar a importância da educação como um meio de comunicação do ser humano com Deus entendendo que:

O sentido próprio da revelação consiste, portanto, em mostrar que toda a palavra e todo o conhecimento têm sua raiz e seu fundamento em uma abertura que os transcende infinitamente; mas ao mesmo tempo a abertura só diz respeito à própria linguagem, à sua possibilidade, à sua existência. Deus não se revela em algo, mas a algo (AGAMBEN, 2015, p. 25).

Agamben (2015) afirma a revelação de encontro, de linguagem estabelecida, de vida e possibilidades de existência em uma relação afetiva e efetiva da sua fraternidade. Possibilidade de ser o caminho, ser abertura para provocar o desconforto de sair de si para encontrar o outro e ver o lugar do problema. É nesse encontro com o outro que se torna necessário ter a coragem de tomar decisões, de mudar a vida, de se converter para se mostrar ao mundo com outras possibilidades de vida e de assumir as consequências das novas escolhas.

Então, a fraternidade se torna um ato de relações e de educação. Um ato de aprender e ensinar a valorização humana para o humano, entendendo que:

Em Boaventura, o ser humano é pessoa, diferente de tudo, mas ligado a tudo (pessoa-relação). Através dos cinco sentidos, ele se liga a todo o universo, e este, por sua vez, se mostra a ele pelos mesmos sentidos. Nesse entender, o ser humano abre-se a todos, numa profunda relação de irmandade. Assim, justifica-se o porquê da fraternidade, pois é nela que cada ser humano encontra novamente o sentido de sua existência, nela é singular, mas ligado, nela é pessoa relação (DA SILVA, 2005, p. 87).

Da Silva (2005) traz o entendimento de que o ser humano como pessoa, e como relação, abre-se a todos num profundo universo de irmandade pela fraternidade, assim construindo novamente o sentido de sua existência, descobrindo, refazendo e ligando as relações para novas oportunidades de aprender, de ver, de sentir e de entender as realidades presentes no mundo. Nesse encontro, a educação se torna um ato de oportunidades e de contribuições positivas, dignas e singulares. Torna-se diretriz presente no contexto existente. Tudo o que existe adquire uma dimensão toda especial de sentido, como se fosse um texto escrito para o homem por divindades, portanto, não teria simplesmente um sentido de dado imanente, mas precisa ser visto e entendido na perspectiva da cosmovisão.

A fraternidade cósmica ensinada por Francisco não é somente uma visão científica quantificadora como na ontologia moderna, que avalia e se relaciona com a natureza (meio ambiente) como se esta fosse uma parte, mas a reinvenção de uma visão poética afetiva, ressignificadora da realidade humana e da realidade como um todo (ZAGORAC, 2012).

Francisco de Assis propõe um entendimento diferente para a educação: primeiramente, o entendimento de si (o sujeito) durante processo de ensinar e aprender, contemplando a observação e a revisão do processo que permitem avançar na compreensão da própria singularidade humana e da existência conectada, construindo-se e se projetando durante o processo. Assim, o olhar atento para mediar o conhecimento de outras ciências trazem descobertas, promovem e inspiram o novo olhar sobre si mesmo e sobre a riqueza daquilo que promove a educação para sintetizar a ideia de dignidade e responsabilidade humana com todos os seres de nosso tempo.

Aqui, a grande contribuição é a ideia de que no ato educativo busca-se a valorização do mundo e do ser humano como realidades positivas, dignas, singulares e intercambiáveis (GONÇALVES, 1970; GILSON, 1948). Ou seja, o mundo é condição para que se conheça a realidade e através dela o mundo, o desconhecido. Torna-se inovador, pois existe o respeito ao mundo e a materialidade para se aproximar de outros conhecimentos, onde as ciências são fundamentais para ampliar a realidade. Boaventura inverte esse conceito: sem o mundo não se conhece as divindades, as outras ciências e toda a diversidade existente. São Francisco faz disso um encontro fraternal com o mundo e todas as coisas existentes, revelando as transformações necessárias que o humano requer para conviver em sociedade.

Para Aristóteles, política tem um significado mais elevado. É aprender a viver uma vida boa com propósito, ou seja, realizar as mudanças, mas permitir disso às pessoas desenvolverem capacidades e virtudes humanas peculiares – para deliberar sobre o bem comum, desenvolver um julgamento prático, participar da autodeterminação do grupo, cuidar do destino da comunidade como um todo (SANDEL, 2012, p. 240-241).

Na Constituição Federal de 1988, o Princípio da Fraternidade ganha um novo *status*, passando a se destacar, sobretudo nos Direitos e Garantias Fundamentais, do seguinte modo: *esta fase em que as Constituições incorporam as franquias liberais e sociais de cada povo soberano à dimensão da Fraternidade. De par com isso, o constitucionalismo busca na relação fraternal o alcance na dimensão da luta pela afirmação do valor do desenvolvimento, do meio ambiente ecologicamente equilibrado, da democracia e até de certos aspectos do urbanismo como direitos fundamentais.*

A fraternidade franciscana se abre necessariamente à fraternidade universal. Essa experiência vivida por Francisco o levou a se sentir irmão de todas as criaturas, provém do mistério. Por isso, chama de irmão e irmã todas as criaturas, tendo por elas uma atitude de profundo respeito, responsabilidade e cuidado. Vê na criação a bondade, a grandeza e a beleza, pois estamos diante da relação que quer se reconciliar universalmente com todo o cosmos.

O DIÁLOGO NO PROPÓSITO EDUCATIVO

Em suas palavras, Francisco revela que o diálogo é essencial para a educação e apresenta como missão a valorização do ser humano em sua integralidade, nos propondo evitar a cultura do descarte. Cultura essa que coloca os mais vulneráveis à margem da sociedade (SGANZERLA; PESSINI; ZANELLA, 2020, p. 687-691). No entanto, alerta para a importância da educação do cuidado de estar afetivamente junto com toda a fragilidade da realidade social.

O que se precisa entender é a pedagogia existente na relação que Francisco de Assis promoveu com seu tempo. Podemos perceber que desde a era medieval, a pedagogia é a ciência que tem como objeto de estudo a educação, o processo de ensino e aprendizagem e a dinâmica da interação humana com o conhecimento. O sujeito é o ser humano como educando que se constrói, em aprender, e se relaciona num encontro com todas as possibilidades de aprender e ensinar.

Na perspectiva franciscana, o processo educativo tem em sua grandiosidade a missão de resgatar o diálogo e a forma de como o ser humano se revela diante do ato de aprender e de como esse consegue, juntamente com o professor, perceber o encontro com os avanços dos processos de aprendizagem. Esta relação segue a espiritualidade, o pensamento e a maneira de ser espelhada em São Francisco de Assis, pois instiga o ser humano a desenvolver a sua capacidade de ser virtuoso em meio às dificuldades e aos desafios da vida cotidiana bem como a capacidade para organizar o conhecimento. Fenômeno tão bem vivenciado e conceituado por Boaventura. Viver a ética no cotidiano é conseguir renunciar a tudo para atender a dimensão da vida naquilo que ela mais necessitar.

Na perspectiva franciscana da concretude, São Boaventura faz uma projeção conceitual que eleva o ser humano em sua religiosidade pela revelação do amor divino pelo humano. Francisco de Assis prova que é possível descobrir, sentir e viver em conexão com o amor e com essa compreensão: presença de alteridade e diversidade em todas as relações e conexões, condição que necessita da alteridade, se entendida como ideia central, para defender, nas descobertas, a consciência que nos remete a dar passos em direção à solidariedade (RODRIGUES, 2013, p. 59-61). Nessa situação, a pessoa pode abraçar a conquista de uma nova fase da vida, depois de passar por longo processo socrático e místico de auto-descoberta e autodeterminação, para ver no outro, totalmente despido de sua alteridade humana, um irmão. Embora essa compreensão implique elementos de fé e de conhecimento, o processo de mudança interior descrito aqui, remete ao sentido genuíno da própria filosofia, ou seja, São Francisco nos propõe uma educação promotora da fraternidade universal e do humanismo integral, que unindo esforços forma pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e de reconstruir o tecido das relações do diálogo, outro elemento fundamental na busca de uma humanidade mais fraterna.

Essas outras formas de olhar para a educação representam novas possibilidades de construção de sujeitos e de resistência aos mecanismos liberais e neoliberais que enveredam pela educação. Como afirmam Larrosa e Kohan: “Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido” (2017, p. 6). Assim, é possível perceber que no processo educacional, a formação dos sujeitos no ocidente deixou de lado uma questão significativa, a saber, a possibilidade de abertura para o novo. Ou seja, para adentrar o vazio do eu e trazer novamente à tona, junto aos sujeitos, a profanação enquanto parte do seu processo educativo.

Assim, a educação traz em si, uma reflexão interativa e plural como um gesto filosófico e dotada de multidisciplinaridade de campos de estudos como:

Direito, teologia, linguística, gramática histórica, antropologia, sociologia, ciência política, iconografia e psicanálise vêm se juntar à filosofia e à literatura, como às outras artes em geral, dentre elas o cinema, para dar conta de questões contemporâneas que entende encontrar em todos esses campos do saber (OLIVEIRA, 2015, p. 222-223).

Para São Boaventura, o entendimento filosófico é condição fundamental para entender o humano. No entanto, a realidade e a verdade que o humano é como perspectiva de itinerância, implica outra compreensão, a de que é o humano de Deus que diviniza o humano e, ao mesmo tempo, a divindade presente no humano possibilita um grau maior de humanização. Ao mesmo tempo, a cosmovisão boaventuriana sugere uma atitude nova e um sentido novo do humano; não como novos homens e novas mulheres, mas como um novo entendimento, e, por consequência, uma nova forma de agir. Um novo modo de habitar o mundo, tocados por um senso estético de espanto e estranhamento diante da singularidade e dignidade. Possibilitando que tudo o que existe traga à pessoa humana não um novo ser, mas um novo modo de ser e de estar no mundo. Boaventura, a partir de São Francisco, constrói, para o ser humano, o que denomina de “teoria da cognição humana”, tentando conciliar a epistemologia aristotélica com a revelação. Mas o que interessa aqui é a descrição do processo de como conhecemos algo, no caso, o mistério da vida, como alguém que não pode ser conhecido com a simples especulação racional.

A diversidade não é adversidade, é parte integrante e integrada de uma fraternidade cósmica, de uma irmandade que não se resume apenas aos outros humanos. O outro não é servo e nem senhor, é irmão. O Deus uno e trino de Francisco de Assis, por isso também de São Boaventura, é, antes de tudo, amor *Hexaëmeron* que permite ao humano uma experiência afetiva e efetiva dessa emanção que toca e redimensiona todo e qualquer ser. A natureza (meio ambiente) não é divina (visões mais antigas), nem bruxa (Francis Bacon), nem máquina (Descartes), nem vassala, nem lacaia: é nossa irmã e mãe no sentido figurado e lato. Para São Boaventura, ela é o livro escrito por Deus para se fazer conhecido (linguagem) e para garantir ao humano, na perspectiva do *Hexaëmeron*, uma vida digna, plena e feliz.

Para São Boaventura, o fim último de todo o conhecimento é o amor. O amor aos demais humanos e a todas as criaturas, aos moldes do fundador da Ordem Franciscana, São Francisco de Assis. A esse respeito, Jacques Delors, no relatório da UNESCO sobre educação, afirma que a educação “deve, de fato, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades” (DELORS, 2010, p. 82).

Tal propositura requer da educação a responsabilidade por uma transformação reveladora em um processo em que os seres humanos sejam entendidos como sujeitos que se constroem socialmente integrados a partir de experiências educativas para poderem interagir com a vida, se cuidarem e se dedicarem à vida de forma humana, percebendo, durante o ato de viver, a importância da humanidade.

O Papa Francisco, em sua carta encíclica *Fratelli Tutti*, afirma que “São Francisco de Assis ‘escutou a voz de Deus; escutou a voz dos pobres, escutou a voz do enfermo, escutou a voz da natureza. E

transformou tudo isso em um estilo de vida. Desejo que a semente de São Francisco cresça em tantos corações” (FRANCISCO, 2020, p. 27, n. 48). O cristão que busca amar como Jesus amou, faz do diálogo um estilo de vida de quem quer viver a escuta da Palavra de Deus, pois a caridade nos faz imitar o amor criador e santificador de Deus. Ao se propor uma educação de cunho franciscano, exige-se além da espiritualidade, o pensamento e a maneira de ser espelhada em São Francisco de Assis, instigando o ser humano a desenvolver a capacidade de ser virtuoso em meio às dificuldades e aos desafios da vida cotidiana, tão bem vivenciados e conceituados por Boaventura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se na praxe da educação brasileira, grandes dificuldades de aceitação de suas fragilidades para lidar com este cenário, de desigualdades, diferenças, entre outros, o que torna quase impossível a ela encontrar novos caminhos para reconstrução social e política. Tais dificuldades e se revelam, mormente no que diz respeito a alguns princípios e valores, sobretudo pelo fato da fraternidade e do diálogo não terem presença marcante na missão e no ato de educar.

Diante de uma sociedade marcada pelo mundo capitalista, parece não ser preocupação na formação do ser humano a dignidade, a fraternidade e o diálogo, como também valores igualmente essenciais para uma formação humanística como o direito social e o respeito às diferenças, mesmo que se saiba que tais componentes devam estar diretamente conectados com o princípio da dignidade humana, aqui entendido como indispensável para uma vida em plenitude.

A fraternidade e o diálogo como missão nos encaminham para entender São Francisco, sendo que estes princípios são marcantes para a educação do mundo atual, pois devem ser entendidos como fundamentais e necessários à formação humana em sua dignidade, complexidade e integralidade. A educação entendida por São Francisco pressupõe a liberdade para o ser humano enxergar e pensar livremente a sua realidade e a do outro, considerando-a como princípio de comportamento relacional e, além disso, se entender como capaz de tornar esse princípio em vida efetiva.

Nesta dimensão, o papel da educação não pode ser outro senão o de organizar linguagens promotoras do conhecimento que conduz à união, à ternura e ao cuidado, por isso fraterno e dialogal. Descobrir o Francisco escondido em cada um como missão e figura de primeiro plano, implica alterações profundas em cada ser, na sua forma de ser e de ensinar à sociedade vigente uma nova forma de revolução, configurando um verdadeiro desafio ético. Por isso, a história universal não conhece um passado a transmitir, mas é o mundo de uma “integral atualidade” (AGAMBEN, 2015, p. 48). Aqui se pode entender que as descobertas da história nos emergem para celebrar encontros e entender significados. Essas linguagens nos aproximam e nos tornam fraternos, embora desconhecidos.

Francisco vive marcas sociais da fraternidade que não se bastam como mudança legislativa, mas para trazer mudanças que promovem a realidade social. Para tanto, traz à luz o princípio da fraternidade e do diálogo como base para uma educação inovadora como um novo fundamento para a cidadania necessária e comprometida com a dimensão humana, ou seja, uma educação humanista comprometida com a missão não só de estar, mas de atuar na essência dos processos que visem à melhoria dos horizontes sociais. Na resposta dada por Francisco de Assis, revela-se a condição de estar imensamente

comprometido com o propósito de ser um homem concreto, que existe numa situação concreta de ser um sujeito presente, vivo de convivências e experiências com todas as realidades sociais existentes.

O verdadeiro compromisso é a fraternidade. Pensar a educação para o mundo atual nos leva a pensar o ser humano em seu inacabamento e na sua inconclusão. Este seria o núcleo deste contexto de educação, a busca incessante para o ser humano ser mais, posto que às vezes a resposta é ser menos na própria relação de si com o outro em sua alteridade. Nesse aspecto, só uma educação de inspiração franciscana pode propor situações para que o sujeito se encontre e possa decidir por quais relações estabelecer entre as tantas existentes e vividas pela sociedade.

Essa promoção, na qual se encontra a educação, “a mudança cultural”, provoca implicitamente as atitudes como instrumento de promoção humana à fraternidade e ao diálogo. Segundo Jaspers (1965), nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé e de confiança, em todos os sentidos de nossa existência. Por isso, somente a comunicação do diálogo se torna um princípio da conduta humana, mas que exige uma nova disposição do problema da realidade concreta ante o choque de suas contradições, implicando um novo enfrentamento para o ser humano com a sua realidade. Como deve atuar, crescer, se transformar e não se adaptar a uma realidade desumanizada, mas pensar (FREIRE, 1981, p. 68) em relação com o outro, com a natureza e com todos que constroem relações, interações e interrelações de vida já estruturada.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **A potência do pensamento**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Legenda maior e legenda menor**: vida de São Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1979.

BAGGIO, Antonio Maria. A redescoberta da fraternidade na época do ‘terceiro 1789’. In: BAGGIO, Antonio Maria (org.). **O princípio esquecido**: a fraternidade na reflexão atual das ciências políticas. Vol. 1. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2008, p. 7-24.

BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis**: ternura e vigor: uma leitura a partir dos pobres. Petrópolis: Vozes, 2009.

DA SILVA, S. **Cosmologia e antropologia em Boaventura de Bagnoregio**. Porto Alegre: Cadernos da ESTEF, 2005.

DE BONI, L. (org.). **Boaventura de Bagnoregio**: obras escolhidas. Porto Alegre: Sulina; UCS, 1983.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1996. Disponível em: <https://bit.ly/3kPG0Cp>.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli tutti; todos irmãos**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Loyola, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GILSON, E. **La filosofía de San Buenaventura**. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1948.

GONÇALVES, J. C. **O homem e o mundo em São Boaventura**. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

HORITA, Fernando Henrique da Silva. A modernidade líquida em Zygmunt Bauman: análise da possibilidade de um direito fraterno. **Em Tempo**, v. 12, p. 123-143, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.26729/et.v12i1.391>.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1965.

LARROSA, Jorge; KOHAN, Walter. Apresentação da coleção. *In*: RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica: 2017.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LOPES, Paulo Muniz, *et al.* **Fraternidade e humanismo: uma leitura interdisciplinar do pensamento de Chiara Lubich**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2014.

OLIVEIRA, Cláudio. Sérgio Filô Agamben. *In*: AGAMBEN, Giorgio. **A potência do pensamento: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 221-223.

RESTA, Eligio. **O direito fraterno**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

RODRIGUES, R. **A pessoa humana é relação: pressupostos antropológicos no pensamento de Boaventura de Bagnoregio**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013.

SANDEL, Michael J. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SGANZERLA, Anor; PESSINI, Leocir; ZANELLA, Diego Carlos. A bioética de Francisco: elementos para a construção de uma bioética global cristã. **Horizonte**, v. 18, n. 56, p. 675-702, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2020v18n56p675>.

VOCE, Maria. A visão do homem em Chiara Lubich. *In*: LOPES, Paulo Muniz, *et al.* **Fraternidade e humanismo: uma leitura interdisciplinar do pensamento de Chiara Lubich**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2014.

ZAGORAC, Ivana. St. Francis of Assisi: Bioethics in European Middle Ages. *In*: MUZUR, Amir; SASS, Hans-Martin (Eds.). **Fritz Jahr and the Foundations of Global Bioethics: The Future of Integrative Bioethics**. Berlin: Lit Verlag, 2012, p. 71-79.

ZANELLA, Diego Carlos. O debate sobre a pobreza no pensamento político franciscano do século XIII. **Thaumazein**, v. 6, n. 11, p. 195-210, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3IZ5KFQ>.